

Elder Costa

Um riacho que vira mar...

Elder, meu amigo, tu, morador da Mantiqueira que és, já deves ter observado esses olhinhos d'água que brotam no meio do mato, pequeninos, silenciosos e que vão, miudinhos, descendo e rompendo caminho por entre folhas e galhos caídos. Vão criando um sulco no chão, qual um eito. Este caminhar incessante e determinado encontra barreiras ante às quais calmamente para e vai se enchendo de si próprio. E de baixo pra cima, de dentro pra fora, cresce e supera o que o represara fazendo esta conquista se incorporar ao seu caminho. Outras aguinhas vão se juntando a este curso d'água que ao seguir vai crescendo e tornando-se caudaloso. Chega uma hora em que já tem voz para cantar por entre as pedras viventes no leito que ele mesmo fora escavando. Adiante ele vai; sempre crescendo, aumentando a sua voz, as suas paisagens internas e os seus sons cada vez mais múltiplos, num contraponto infinito e renovado a cada instante.

Dentro dele, vidas vão se criando... insetos, algas, peixes e toda ordem de seres que amam o rio e suas águas.

Pois assim eu te vejo, meu amigo. Como se eu pudesse olhar de muito alto a ponto de perceber o curso do tempo num só instante. Me lembro do Elder olho d'água nos anos 1980, junto ao grupo Vaiados na Vendinha, que rapidamente fez-se riacho. Tua verve de criador sempre existiu. Esta foi se burilando música a música em forma e estilo que querias em cada momento. Nos anos 1990, já corrias trecho por este Brasil como solista ou acompanhando artistas de renome, e tuas águas já fluíam com força. Foram assim se formando muitos caminhos, muitos encontros com outras águas, águas parceiras, águas poetas.

Pois hoje te vejo virando mar e ao mesmo tempo voltando a ser olho d'água, sempre pronto a se reinventar. Os frutos de teu leito-estrada já abastecem o coração dos que de ti bebem, ora escutando-te, ora aprendendo com teus acordes, ora cantando as tuas belas melodias carregadas de mensagens escritas pelos teus rios-poetas que nos enchem de um outro olhar para o mundo, olhar mais sensível, mais suave.

Esse disco me traz a certeza de que teu apuro como músico não tem fim. Sempre com novas histórias e com um violão cada vez mais denso. Essas tuas harmonias me espantam... são inusitadas! Na hora que pensamos que sabemos onde pretendes chegar, nos surpreendes com um sobressalto, e o curso melódico-harmônico da música muda, mostrando um novo caminho, uma nova paisagem, uma nova alegria... a alegria de sermos surpreendidos e com isto crescermos.

Elder, te reconheço como um grande compositor. Compositor não deve ter estilo, deve compor de tudo, afinal é isto que esse nome indica: diversidades. A maneira como te aproprias do congado, do choro, da balada e de tantos outros estilos composicionais neste disco mostra o caudaloso rio que tornaste.

Quando junto ao Madhav dizes: "Sou meio lá, meio cá, carrego o laptop no úmberná..." É isso! Tuas águas musicais agora se espriam de braços abertos a tudo o que teu olho vê e teu coração sente.

Este disco é uma obra que ficará como mais um marco do quão importante é a tua presença entre nós a nos ensinar, a nos iluminar e a nos acalentar com a tua Música.

"E quem acha que num segundo
Não cabe a vida da gente
Que tire um segundo do mundo
E a história será diferente"

Teu devoto admirador,
Ivan Vilela

Um CD deslumbrante

Hoje falaremos de Elder Costa compositor, violonista e cantor que lançou O que não se vê (independente), seu sexto disco solo.

O novo trabalho, além de quinze músicas inéditas, algumas em parcerias, é muito bem gravado. Na mixagem atenta, desde os arranjos de extremo bom gosto, tocados por instrumentistas experientes, tudo reflete o apreço pelo ofício de músico.

O violonista César Bottinha produziu o CD e, junto com Sérgio Fouad, mixou o trabalho. Os dois e todos os instrumentistas dedicaram às músicas o cuidado afetuoso de um pai ao filho.

O instrumental “Pai João” (Elder Costa) conta com o violão de Elder e a percussão discreta de Emílio Martins.

O violão expõe a beleza que frequenta as criações do violonista – afirmativa constatada ao longo da audição.

As músicas que vêm têm as mesmas características da abertura: harmonias expressas em acordes bem armados, melodias que engrandecem a música e as levadas da diversidade musical brasileira.

Ao ouvi-las, sente-se que o autor não está ali à toa, não. Em “Eu Não Sei” (Elder Costa e Madhav Bechara) Elder canta, enquanto Emílio Martins usa percussões bem colocadas.

A intro antecede a entrada dos versos, pela voz emblemática de Elder cantador.

A levada vem arisca. Feito um Mané Garrincha, que deixou todos os “Joãos”, gringos e brasileiros, boquiabertos com seus dribles, a melodia faz que vai, mas vem, ou nem vem... chiiii, já foi. “Outono” (Elder Costa) tem em Milton Nascimento um gigante reverente à música – e é o próprio que inicia o canto. Logo Elder se junta a ele.

O duo arrebatou quem o escuta. Emílio Martins está na bateria e na percussão, Marcos Nimrichter no acordeom (o som de seu instrumento parece vindo das nuvens), Cesar Bottinha no violão de 12 cordas e Dunga no baixo. Show de bola!

“Meio Lá Meio de Cá” (EC e Madhav Bechara) tem a participação de Zeca Baleiro, cantando e vocalizando. Elder Costa, além de tocar violão, também canta e vocaliza com Zeca, apoiados por Emílio Martins (percussão) e Otávio Gali (baixo acústico). Zeca abre o canto. Elder vem com ele (o tom da música me pareceu baixo para Elder, as

notas mais graves pesam um pouco em sua garganta). Vocalise aberto em vozes surpreende e agrada.

“Already There” (EC e Madhav Bechara) é um samba balançado, não fosse ele vibrado pela percussão do rei do samba-jazz, Joãozinho Parayba. Elder Costa nos violões divide o canto com o parceiro Madhav Bechara.

Valéria Silva também canta, enquanto Robinho Tavares toca contrabaixo e Marcelo Martins (flautas), ele que fez o arranjo para elas. que ressoam com um sopro caloroso.

“Lázaro” (Elder Costa e Paulinho Pedra Azul) tem o violão e o canto de Elder, e o acordeom de Marcos Nimrichter. Comovente e comovido, Elder canta como se orasse com fervor. Uma prece em forma de moda de viola, tira lágrimas quentes do mais frio dos durões. Junto com “Pai João” (o instrumental da abertura), “Lázaro” surge como um dos momentos mais sublimes de um álbum admirável.

Aquiles Rique Reis, vocalista do MPB4